
PLATÃO E WITTGENSTEIN: UMA APROXIMAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM¹

Prof^ª. Dr^ª. Heloisa Helena Duval de Azevedo²

INTRODUÇÃO

Muitas indagações acerca da filosofia pairam como uma nuvem sobre algumas cabeças. Indagações essas que não são privilégio de uma pessoa que se considera estudiosa de um ou outro autor. Essas indagações em forma de nuvem pairaram sobre cabeças as mais distintas, como, por exemplo, Platão e Wittgenstein. O que os inspira é a admiração diante do mundo que se apresenta. Ou, como diria Sócrates a Teeteto³: “Próprio do filósofo é o estado da tua alma: a admiração. Porque a filosofia não conhece outra origem (155d)”. Na tentativa de aclarar esse mundo, encontramos pontos comuns de inquietação entre os dois autores acima citados. Poderíamos lembrar Whitehead⁴, neste momento, para regozijo dos platonistas. Numa obra sua, disse que a tradição filosófica européia posterior a Platão consiste, na verdade, em uma série de notas de rodapé, ou seja, é pouco mais que um comentário. Mas, como uma incipiente wittgensteiniana, devo discordar, em parte, para não desmerecer toda a filosofia posterior a Platão e principalmente o autor que estudo.

Em uma tentativa de esclarecer suas dúvidas, Philippe Nemo, entrevistando Lévinas, apresenta algumas questões coincidentes com nossa inquietude filosófica: “Como se começa a pensar? Por questões que nos pomos a nós mesmos, a partir de nós mesmos, na seqüência de acontecimentos originais? Ou por pensamentos e obras com os quais começamos por entrar em contato?”⁵ Essas indagações são sugeridas como centrais para esboçar o pensamento de um autor; a partir delas, abre-se um leque de soluções, mesmo que, para chegar a elas, recorramos a outras. Wittgenstein nos coloca outras indagações, como, por exemplo: o que é a linguagem? Qual é a possibilidade que a linguagem signifique

¹ Agradeço ao professor Ernst Tugendhat pelas críticas e sugestões feitas a este texto que foi apresentado no Congresso Internacional: As interfaces de Platão na PUCRS.

² Professora substituta do Departamento de Educação da UFPel.

³ Para as referências ao *Teeteto* e ao *Sofista* utilizo a tradução francesa de A. DIÈS. *Platon. Oeuvres Complètes*, Tome VIII, 2ème partie et 3ème partie. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

⁴ Alfred North WHITEHEAD. *Process and Reality*. New York: The Free Press, 1979, p. 39.

⁵ Emmanuel LÉVINAS. *Éthique et Infini. Dialogues avec Philippe Nemo*. Fayard, 1982, p. 15.

o mundo? Como o pensamento pode figurar o mundo? Podemos considerar linguagem e pensamento dois lados de uma mesma moeda? Essas questões ocupam um espaço considerável na história das discussões filosóficas, lembrando que a relação entre pensamento e realidade é anterior a Platão, remontando ao pré-socrático Parmênides.

Nosso objetivo é vislumbrar aproximações entre Platão e Wittgenstein, considerando que a associação entre os dois nomes ocorre ocasionalmente entre os estudiosos da obra wittgensteiniana. Em que, pensariam muitos, esses filósofos se aproximam? São dois pensadores que pertencem a tradições e contextos distintos; além disso, viveram em épocas diferentes. O que descobrimos é um Wittgenstein leitor de Platão, sendo que, em algumas de suas obras, encontramos citações de *Teeteto*, *Sofista*, *Filebo*, *Crátilo* e *Cármides*⁶. A mais conhecida ligação entre os dois se faz a partir da linguagem, uma vez que essa foi a inquietação filosófica central de Wittgenstein, assim como também Platão se preocupou com a linguagem. Considerando-se Wittgenstein um filósofo da linguagem, somos movidos pelo interesse na aproximação entre Wittgenstein e Platão, através, evidentemente, da linguagem e de tudo que ela possa envolver. Nossa abordagem da obra de Wittgenstein se restringirá ao *Tractatus*⁷, às *Investigações Filosóficas* e ao *Livro Azul*. No que diz respeito a Platão, nossa abordagem se circunscreve principalmente a dois textos que tratam da linguagem, a saber: *O Sofista* e *Teeteto*. Procuramos mostrar nossa tentativa de aproximação entre os dois autores, ainda que nossa contribuição para o debate e a troca de idéias não tenha a profundidade exigida.

1. PLATÃO: SOBRE O PENSAMENTO EM O SOFISTA

Para esboçar um traço cronológico, em que a relação entre pensamento e realidade aparece, atrevemos-nos a dizer que esse traço inicia com Parmênides e Platão e tem como um dos objetivos pesquisar sobre a linguagem e estabelecer sua estrutura fundamental. Wittgenstein é herdeiro desse traçar, e a grande questão é se há algo em comum entre o que pode ser pensado e o próprio pensar, ou, em outras palavras, entre mundo e linguagem. Devemos lembrar a origem dessa

⁶ Encontramos as seguintes referências de Platão nos textos de Wittgenstein: *Teeteto* – *Blue Book* p. 20; *Investigações Filosóficas* - § 46,48 e 518; *Philosophical Grammar* § 76, 90, 114; *Sofista* e *Filebo* – *Philosophical Grammar* § 19, 93; *Cármides* – *Zettel* § 456; *Crátilo* – *Big Typescript* § 10.

⁷ Referir-nos-emos ao *Tractatus Logico-Philosophicus* apenas como *Tractatus*.

questão. O primeiro filósofo que demonstra, através de um poema, essa inquietação entre a relação ser pensado e o próprio pensar é Parmênides. Consideramos, é claro, uma linha em que o traçado inicial começa com Parmênides, passa por Platão e Aristóteles e chega até aos contemporâneos Frege, Russell e Wittgenstein. O desfecho dado por Parmênides sobre a relação entre ser pensado ou ser e o próprio pensar ou pensar encontramos-lo em seu poema, nos fragmentos II e III:

E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável, pois não podes conhecer aquilo que não é – isto é impossível –, nem expressá-lo em palavras (fragmento II). (...) Pois pensar e ser é o mesmo (fragmento III).⁸

O que pode ser pensado é o que pode ser; conseqüentemente, o que pode ser é o que pode ser pensado. Quando exercitamos o pensar, pensamos algo, considerando algo que é; quanto ao exercício de pensar o que não é, na verdade, segundo Parmênides, não pensamos nada, por conseguinte, o não-ser não é. O ser é e o não-ser não é; esta é uma das primeiras frases filosóficas que escutamos no início dos estudos acadêmicos de filosofia, e que, ao longo dos estudos, tentamos desvendar. A beleza desse tipo de afirmação é que nos faz exercitar o pensamento que até hoje não se esgota, pois há sempre algum pensador que tenha outra versão. No fragmento VI, encontramos a origem dessa afirmação que ainda hoje gera contradição entre os comentadores e estudiosos da filosofia:

Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, seu espírito errante. Deixaram-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa,

⁸ Gerd BORNHEIM. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 54-55.

para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória (fragmento VI).⁹

Considera-se o ser, para Parmênides, como eterno, imutável e imóvel, não admitindo pensar mudança ou diferença. O que leva Platão, no diálogo *O Sofista*, a cometer o chamado parricídio, demonstrando que o discurso dos sofistas é falso. Se considerássemos a tradição de Parmênides, em relação ao discurso dos sofistas, ele seria considerado verdadeiro, pois o discurso, pelo simples fato de ser discurso, é verdadeiro. Platão percebe os limites do pensamento de Parmênides e observa que os sofistas usam o discurso falso para apresentar aquilo que não é como sendo.

No *Sofista*, através do personagem o Estrangeiro, nos é apresentada a noção de participação, em que há uma ligação entre os seres; o não-ser é, enquanto relacionado com o ser: “Com efeito, uma vez que se tenha demonstrado que existe uma natureza do outro, e que ela se divide mutuamente entre todos os seres em suas relações mútuas, de cada parte do outro, que se opõe ao ser, dizemos audaciosamente: ‘Este mesmo é o que é o não-ser na realidade’ (258a)”. Platão nos indica uma associação mútua entre os seres, considerando a separação de cada coisa do todo. O ser, então, para ele, é misto:

Há uma associação mútua dos seres. O ser e o outro penetram através de todos e se penetram mutuamente. Assim, o outro, participando do ser, é, pelo fato dessa participação; sem, entretanto, ser aquilo de que participa, mas o outro, e, por ser outro que não o ser, é, por manifesta necessidade, não-ser (259b).

O que nos é apresentado é que o ser, enquanto seu oposto, é não-ser, tanto que o não-ser, enquanto outro, participa do ser por ser o mesmo.

O problema apresentado no diálogo agora é como definir o discurso, já que os sofistas o utilizam enquanto discurso falso. O discurso falso é a enunciação do não-ser, e isso só é possível, porque há um vínculo com o ser. Como podemos, então, enunciar o outro do ser e como é possível enunciar o nada? O Estrangeiro investiga a combinação existente entre nome e verbo. Devemos lembrar que, ao longo do diálogo, o Estrangeiro questiona o esforço de separar tudo de tudo; com isso, segundo ele, pode-se aniquilar todo o discurso. Mas, logo a seguir, aponta um movimento de combinação para o nascimento do discurso. O discurso é uma

⁹ *Idem.* p. 55.

combinação de nomes e verbos, que são dois gêneros de sinais. Nomes e verbos isolados não formam, segundo o Estrangeiro, um discurso. O discurso, portanto, não é um exercício de simples nomear, assim como não é o verbo isolado que produz algum tipo de informação. Platão, através do personagem o Estrangeiro, no *Sofista*, diz:

É que, desde esse momento, há na expressão [o homem aprende] uma indicação que faz referência às coisas que são, ou que se tornaram, ou foram ou serão; não se limitando a nomear, mas realizando algo que tem uma perfeição ao fim, entrelaçando os verbos e os nomes. Por isso dizemos que ele discorre, e não somente nomeia, e ao conjunto dessa forma demos o nome do discurso (262d).

O Estrangeiro, não satisfeito, procura, através de exemplos, uma melhor definição de discurso, para que assim possa distinguir o discurso falso do verdadeiro. O Estrangeiro apresenta dois tipos de discurso: primeiro “Teeteto está sentado (263a)”, e o segundo “Teeteto, com quem agora converso, voa (263a)”. Com esses exemplos, demonstra que o discurso pode dispor de um sentido, assim como pode ser suscetível de falsidade. O discurso é verdadeiro, quando, através da combinação entre verbos e nomes, há uma correspondência com o ser. Portanto, o discurso é falso, quando não há correspondência com o ser. Considera-se o discurso como uma combinação que pode ligar o que é e o que não-é, assim como pode ser possível na realidade ou não. Nas palavras do próprio Platão: “Assim, o conjunto formado por verbos e nomes, que de fato enuncia a teu respeito, o outro como sendo o mesmo, e o que não é como sendo, eis exatamente, ao que parece, a espécie de conjunto que constitui, real e verdadeiramente, um discurso falso (263d)”. O Estrangeiro esclarece o problema do discurso falso, condicionando-o à correspondência com o real. Para ser verdadeiro, deve haver uma correspondência com o real, ou seja, com o ser. Podemos agora utilizar como sinônimas as noções de pensamento e discurso em Platão: “Pensamento e discurso são, pois, a mesma coisa, salvo em se tratando do diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma que chamamos pensamento (263e)”. A proposta de Platão é que o pensamento, enquanto uma combinação de nomes e verbos, pode ser chamado de ato de discorrer, ou seja, falar sobre o ser. O pensamento é verdadeiro, quando é passível de acontecer na realidade, ou seja, no ser.

2. WITTGENSTEIN: SOBRE O PENSAMENTO

Wittgenstein, no prefácio do *Tractatus*, mostra a intenção de seus questionamentos:

O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado). O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contra-senso.¹⁰

No prefácio, iniciam-se as aproximações com Platão. O problema apresentado é semelhante. Uma das preocupações de Wittgenstein relacionada à linguagem começa altercando sobre os limites do pensar. Como pensar o que não pode ser pensado? Como delimitar algo que não é? A resposta de Wittgenstein, no *Tractatus*, é que mundo e linguagem se correspondem. Mediante a linguagem, podemos figurar o mundo. A essência do mundo é apreendida através do processo do esclarecimento dos pensamentos, o que é feito por meio da análise da linguagem. O discurso sobre o mundo pode ser representado, e essa apreensão, que é um exercício intelectual de captação do objeto¹¹, também é uma relação entre realidade e pensamento. Esse exercício de esclarecimento dos pensamentos é demonstrado pela elucidação, sendo assim uma atividade.

Logo após o prefácio, temos a primeira afirmação do *Tractatus*: “O mundo é tudo que é o caso (1)”. Se considerássemos essa afirmação isoladamente, não entenderíamos absolutamente nada do que o autor propõe. É bom frisar a dificuldade para uma leitura seqüencial dos aforismos, mesmo seguindo a orientação do próprio Wittgenstein. Pears faz um comentário a respeito desse assunto, dizendo: “O *Tractatus* é uma obra que mantém a continuidade, com o objetivo claro e com maneira clara de persegui-lo”¹². Nós concordamos com Pears

¹⁰ Ludwig WITTGENSTEIN. *Tractatus Logicos-Philosophicus*. Trad. Luiz H. L. dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 131.

¹¹ No texto original em alemão, encontramos algumas palavras para designar objeto (ou coisa), Wittgenstein utiliza, principalmente, as seguintes palavras: *Dingen*, *Sachen* e *Gegenstand*. Encontramo-las no aforismo 2.01, do seguinte modo: “Der Sachverhalt ist eine Verbindung von Gegenständen (Sachen, Dingen)”. Em outros aforismos, as palavras aparecem separadamente, neste as três aparecem conjuntamente.

¹² David PEARS. *As Idéias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 1971, p. 16.

até ao momento em que encontramos dificuldades de expressar de maneira sistemática o pensamento do autor. O objetivo e a maneira com que Wittgenstein trabalha podem ser claros, mas entendê-lo, no conjunto, não¹³.

Para nos auxiliar no entendimento da estrutura do *Tractatus*, devemos imaginar um esquema dos elementos que compõem linguagem e mundo. Se ele fosse dividido ao meio e sobrepuséssemos ambas as partes, veríamos a correspondência entre elas. A teoria da linguagem constitui uma teoria da realidade, por partirem de um mesmo ponto, que é a forma. A realidade se dá através da figuração; e, para pensar a relação entre nossas apreensões, é necessário que haja uma estrutura em comum. Se conhecermos a estrutura de uma das partes correspondentes, conheceremos a da outra. Poderemos falar do mundo, distinguindo a estrutura da linguagem, e, para falar do mundo, utilizamos como modelo a proposição, já que esta é uma figuração da realidade, e sua totalidade é a linguagem. Reiterando, a linguagem é a totalidade das proposições, e a proposição é o pensamento em uma relação projetiva com o mundo.

Os elementos que compõem uma proposição estão relacionados com elementos da realidade, de maneira que, existindo uma proposição, há um correspondente na realidade. A proposição é decomponível em elementos simples. Os elementos simples, chamados nomes, substituem na proposição o objeto, o qual são os elementos simples do mundo. Uma proposição elementar é verdadeira, se o objeto ao qual ela se refere tem correspondência com o nome na proposição, do contrário, ela é falsa. Cabe lembrar que o objeto simples Wittgenstein o chama de fixo, subsistente; já as configurações de objetos são variáveis, mutáveis, instáveis (ver 2.027, 2.0271, 2.0272). Os objetos possuem a possibilidade de combinação entre si (ver 1.13, 2.013) e essas combinações constituem um estado de coisas. E esses estados de coisas são representados pelas proposições elementares.

Para Wittgenstein, fato e estado de coisa são somente elementos do mundo que compõem na linguagem a proposição: “O mundo é tudo que é o caso (1)” (...) “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas (1.1)”. A substância do mundo é formada pelos objetos e esses objetos se reúnem; formando o fato atômico; por conseguinte, o mundo é a totalidade dos fatos. O mundo se adapta à

¹³ Paulo Roberto MARGUTTI Pinto. *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, p. 283, diz que Wittgenstein adota o estilo paratático, ou seja, é um tipo de “construção que renuncia a qualquer ligação precisa entre as partes. O leitor fica livre para imaginar as relações envolvidas, as quais, em virtude de sua imprecisão mesma, assumem um caráter misterioso, mágico.” O autor analisa o *Tractatus* como peça argumentativa baseado nas teorias de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

linguagem; nomeando os objetos, sendo que estes são significados por proposições elementares que partem da possibilidade de descrever um mundo possível, cumprindo, assim, a atividade de figurar o mundo. A esse movimento Wittgenstein chama de teoria pictórica. A estrutura mais complexa que denominamos de proposição, representa a totalidade da linguagem, ou seja, a totalidade do mundo possível.

3. APROXIMAÇÕES

Como podemos perceber, parte do que Wittgenstein incorpora no *Tractatus* já estava presente em Platão. Podemos, assim, colocar como um dos pontos em comum mais expressivos, entre Platão e Wittgenstein, o pensamento. Como vimos anteriormente, a inquietação filosófica é muito semelhante. O que fizemos foi descrevê-la separadamente, respeitando as diferenças de procedimento de cada autor. O Wittgenstein do *Tractatus* acredita que a linguagem é um meio de alcançar a essência do mundo, a linguagem pode representar a coisa em si, ou seja, a realidade em si. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein critica essa maneira de pensar, mas isso não nos interessa neste momento; o que nos interessa é a referência ao aforismo 5.5563 que, nas *Investigações Filosóficas*¹⁴, é citado de uma maneira diferente da que aparece no *Tractatus*. A pergunta filosófica “O que é?”, “Qual a sua essência?”; está presente nesse aforismo; assim como em uma pergunta formulada por Sócrates e desenvolvida por Platão. Eis o aforismo do *Tractatus* seguido pela versão citada nas *Investigações Filosóficas*:

“5.5563 De fato, todas as proposições de nossa linguagem corrente , estão logicamente, assim como estão, em perfeita ordem. O que há de mais simples, que nos cumpre aqui especificar, não é um símile da verdade, mas a própria verdade plena. (Nossos problemas não são abstratos, mas talvez os mais concretos que existam).”¹⁵

“O pensar é envolto por um halo. – Sua essência, a lógica, apresenta uma ordem das *possibilidades*, que tem que ser comum ao mundo e ao pensar. Esta ordem, no entanto, ao que parece, tem que ser da *máxima simplicidade*. Ela é *anterior* a toda experiência; tem que perfazer toda a experiência; a ela mesma não se pode aderir nenhuma opacidade ou

¹⁴ Ludwig WITTGENSTEIN. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1996, § 97.

¹⁵ *Tractatus*, p. 243.

insegurança empírica. – Ela tem que ser, antes de mais nada, de puro cristal. Este cristal, no entanto, não aparece como abstração; mas como algo concreto, sim, como o que há de mais concreto, por assim dizer, o que há de *mais duro* (*Trat. Lóg. Filos.*, n. 5.5563).”¹⁶

O que Wittgenstein e Platão fazem é construir a idéia de uma essência, de um fundamento que possa servir de base a nossa visão de mundo. O debate instaurado entre Platão e a sofística procura o fundamento último do conhecimento. Mas como nós podemos falar sobre o que é e o que não é? Wittgenstein, inquieto com essa questão, escreve para um amigo, dizendo: “Platão no seu diálogo está ocupado com os mesmos problemas sobre os quais estou escrevendo”¹⁷. Uma das primeiras referências à obra de Platão, em Wittgenstein, aparece como citação sobre o *Teeteto*, na seguinte passagem:

Sócrates para Teeteto: ‘E quem pensa, não deveria pensar *alguma coisa?*’

Teeteto: ‘Necessariamente’

Sócrates: ‘E quem pensa alguma coisa, não pensa alguma coisa real?’

Teeteto: ‘Parece que sim.’¹⁸

Na continuidade dessa discussão, no *Teeteto*, os interlocutores discutem sobre como opinar a respeito de algo que não é. Como podemos emitir algum tipo de juízo sobre o nada? A conclusão a que chegam é a de que uma coisa é opinar erradamente e outra é opinar sobre o que não é. Já Wittgenstein, no *Tractatus*, pergunta como podemos imaginar algo que não existe se não posso imaginar um objeto inexistente. Segue-se, então, a solução tractatiana sobre os objetos inexistentes:

‘O objeto é simples (2.02)’.

‘Só havendo objetos pode haver uma forma fixa no mundo (2.026)’.

‘O fixo, o subsistente e o objeto são um só (2.027)’.

‘Os sinais simples empregados na proposição chamam-se nomes (3.202)’.

¹⁶ *Investigações Filosóficas*, p. 67.

¹⁷ Maurice O’ Connor DRURY. *The Danger of Words and Writings on Wittgenstein*. Chicago: Thoemmes Pr, 1997, p. 163.

¹⁸ *Investigações Filosóficas*, § 518, p. 190-191; *Teeteto*, 189, p. 925.

‘Os objetos, só posso nomeá-los. Sinais substituem-nos. Só posso falar sobre eles, não posso enunciá-los. Uma proposição só pode dizer como uma coisa é, não o que ela é (3.221.)’

Essa solução indica que nós realmente não podemos falar sobre objetos inexistentes. A realidade, enquanto correlata de uma proposição, é a existência e a inexistência dos estados de coisas, lembrando que estados de coisas são fatos e estes uma ligação de objetos. Os objetos são os elementos mais simples do mundo e contêm a possibilidade de todas as situações (2.02 e 2.014), e sua representação se dá na linguagem através do nome (3.203). Nome e objeto são considerados os elementos mais simples, não podendo ser decomponíveis. Wittgenstein pergunta a si mesmo: “Como acontece então que nomes designem, propriamente, o simples?” A resposta ele encontra no *Teeteto*:

Sócrates (em *Teeteto*): ‘Se não me engano, ouvi de algumas pessoas; para os *elementos originários* – para me expressar assim – de que nós e as outras coisas somos compostos, não há explicação; pois, tudo que é em si, só se pode designar com nomes; não é possível uma outra determinação, nem do que *é* nem do que *não é*... Mas o que é em si, temos que... denominá-lo sem todas as outras determinações. Deste modo, é impossível falar explicativamente de qualquer elemento originário; pois, para este, não há nada além de mera denominação; há somente seu nome. Mas, assim como aquilo que se compõe desses elementos originários é, ele mesmo, uma criação entrelaçada, da mesma forma as suas denominações se converteram em discurso explicativo desse entrelaçamento; pois a sua essência é o entrelaçamento de nomes.¹⁹

A idéia de objeto, no *Tractatus*, é reconhecida nessa passagem do *Teeteto* por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas*. A idéia de objeto remonta àquela em que existe um argumento por regresso. Wittgenstein não acredita nesse regresso de tipo *ad infinitum*, pois seria quase o mesmo caso da metalinguagem, onde necessitaríamos de outra estrutura ou, no caso, outro objeto para explicar o anterior. Podemos afirmar que esse é um postulado fundamental, em que o que entendemos por postulado fundamental é um princípio primeiro que seja um ponto de partida de um processo qualquer. Ou ainda, como diria Sócrates no

¹⁹ *Investigações Filosóficas*, § 46, p. 39.

Teeteto, esses são elementos originários, com os quais o que podemos fazer é apenas denominá-los, sendo que a tarefa de descrevê-los torna-se impossível. A descrição deles só é possível no entrelaçamento desses elementos simples. Os objetos, para Wittgenstein, são elementos simples e só na combinação desses elementos posso conhecê-los. Podemos pensar o objeto numa combinação, mas não fora da possibilidade dessa combinação. O objeto é dependente²⁰, por existir um vínculo com o estado de coisas, ou seja, o fato; é independente, por aparecer em todas as situações possíveis (ver 2.0122 e 2.0121). Conheço os objetos, através da análise das proposições e não da análise dos próprios objetos. A questão a respeito de como podemos conhecer o objeto é respondida no aforismo 5.55: “Devemos agora responder *a priori* à questão de quais sejam todas as formas possíveis de proposições elementares”, proposições essas que são figurações de fatos; os quais são combinações de objetos. Assim; Wittgenstein confirma que a análise só é possível através das proposições e não dos objetos.

CONCLUSÃO

Wittgenstein, no *Tractatus*, expõe sua teoria da linguagem; remetendo-nos muitas vezes a Platão. Para Wittgenstein, existem nomes que significam objetos, que são elementos simples. Esses objetos se entrelaçam; formando estados de coisas, que são chamados de fatos. E somente a proposição figura os fatos. A proposição é uma associação de elementos simples. A proposição pode ser verdadeira ou falsa. Ela é verdadeira quando há correspondência entre o nome e o objeto na proposição, ou seja, quando há correspondência entre mundo e linguagem. O problema de Wittgenstein sobre mundo e linguagem é muito semelhante ao problema que Parmênides traz no seu poema sobre ser e pensar. Mas, semelhança maior tem com Platão, pois, para este, os elementos simples isoladamente não podem ser descritos. É no exercício do discursar, enquanto pensamento, que podemos descrevê-los. Há um entrelaçamento de verbos e nomes que sozinhos não formam discurso, mas na combinação das partes enunciam, não esquecendo que, para ser verdadeiro, deve existir uma correspondência com o real, ou seja, com o ser.

Wittgenstein, posteriormente, marca sua crítica à generalidade, ou seja, à tendência de manter um termo geral como fundamento. Em *O Livro Azul*, refere-

²⁰ Modificamos a tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos, optando por traduzir *selbständig* e *Unselbständigkeit* como independente e dependente e não como o tradutor, que usou, respectivamente, auto-suficiente e não ser auto-suficiente.

se à pergunta de Sócrates, no *Teeteto* (146d-147c): “O que é conhecimento?” A crítica de Wittgenstein é que, no discorrer dessa pergunta, não se considera a enumeração dos casos de conhecimento. Sua tendência, a partir de agora, é a de acreditar que a procura do termo geral gera confusão filosófica e crítica “a atitude de desprezo com o caso particular”²¹. Essa tendência continuará e se firmará nas *Investigações Filosóficas*, em que ele descarta a busca do termo geral para se dedicar aos jogos de linguagem.

Podemos dizer que muitas questões ficam pairando como nuvem em nossas cabeças. Neste trabalho, não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. Recorremos a Heráclito, para dizer que nosso trabalho não revela nem oculta, mas é um aceno (B93) em relação às questões levantadas. O que podemos afirmar é que, ainda hoje, persiste a pergunta: o que é o pensamento? Platão e Wittgenstein tentaram; de modo análogo, respondê-la, respeitando, é claro, as sutilezas de cada autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORNHEIM, Gerd. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- DIÈS, A. *Platon. Oeuvres Complètes*, Tome VIII, 2ème partie et 3ème partie. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- DRURY, Maurice O’ Connor. *The Danger of Words and Writings on Wittgenstein*. Chicago: Thoemmes Pr, 1997.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Éthique et Infini. Dialogues avec Philippe Nemo*. Fayard, 1982.
- MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- PEARS, David. *As Idéias de Wittgenstein*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality*. New York: The Free Press, 1979.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logicos-Philosophicus*. Trad. Luiz H. L. dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _____. *Investigações Filosóficas*. Trad. Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *O Livro Azul*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1992.

²¹ Ludwig WITTGENSTEIN. *O Livro Azul*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 49.